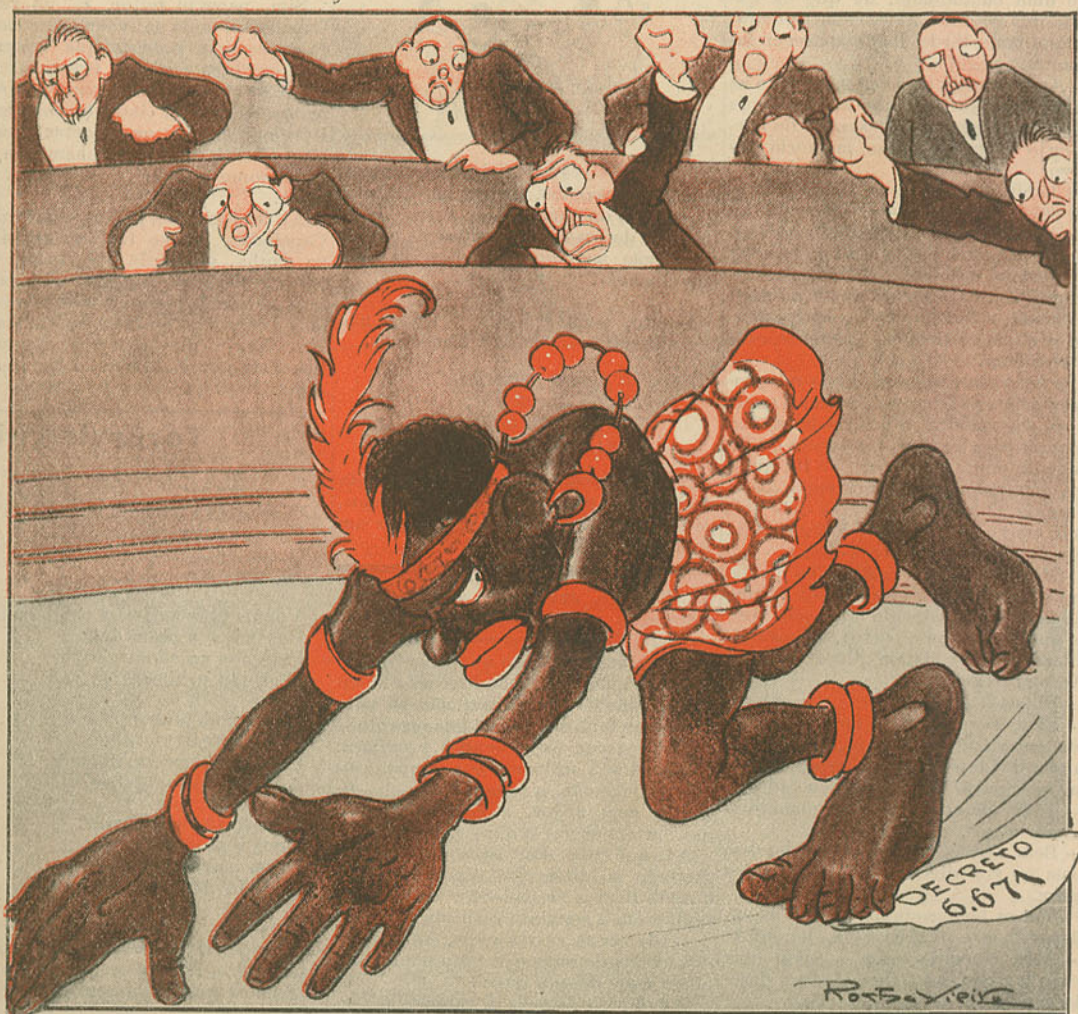




Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43 — Lisboa

A casca de laranja



Cantado:

O Ramos Preto
Lá do sertão
Foste de vendas
Ao meio do chão!



PALESTRA AMENA

Minas inexploradas

O «Diário do Governo» publicou ha dias uma relação das minas que, por falta de pretendentes ás concessões, estão actualmente abandonadas: são elas, de antimonio, na Vila da Feira; de chumbo, em Castelo de Paiva; de carvão, na Mealhada; de cobre e de estanho, em Bragança; de volframio, em Vila Nova de Paiva e outras, tambem de volframio, em Vizen.

Muito provavelmente este abandono significa que tais minas não valem dois caracoos, mas pode tambem significar que outras minas existem em abundancia, sem trabalhos nem despezas de exploração, de modo que o capital dá preferencia a estas. Se este ultimo caso é que representa a verdade, essa preferencia é uma calamidade, de que os exploradores se não apercebem por ora, mas que mais tarde ha-de aparecer fatalmente.

... Que as mais seguras minas são as que constam da seguinte anedota, que colhemos na obra d'um escritor do norte, cujo nome a nosso memoria não reteve.

Os habitantes de certa aldeia primavam pelo desleixo, pela esperanza no dia seguinte, pela relutancia a trabalhar, de maneira que a miseria reinava em todos os casebres. As crianças andavam nuas, os adultos quasi no mesmo estado, a fome a todos apoquentava e com ela as doenças que sempre a acompanhavam.

Um belo dia chegou á aldeia um professor primario, nomeado para ali exercer o seu mister e poucas horas lhe bastaram para conhecer o estado de toda aquela pobre gente, que se lhe queixava amargamente da má sorte que a perseguia. O homem ouviu e dois dias depois convocou os chefes de familia da triste povoação e declarou-lhes:

— Meus amigos: examinei ha pouco alguns terrenos dos que cercam as vossas casas. Ficai sabendo que, por indícios que tenho como certos, no sub-solo d'esta aldeia existem filões de ouro!

Assombro geral.

— Filões? minas?

— Sim, respondeu o mestre-escola. Para encontrardes o ouro, que existe abundantemente n'estes campos, é, porém, necessario fazer o que eu indicar.

— Tão quanto quizer! exclamaram os camponezes, entusiasmados.

— Bem. Começai por cavar a terra, e depois eu vos direi o mais que tendes a fazer.

Foram os homensinhos buscar as enxadadas velhas e ferrujentas, ha muito inactivas, e começaram a cavar com furia o terreno que lhes daria o desejado metal.

— Agora, continuou o professor, quando aquele trabalho preliminar acabou, é preciso deitar estrume na terra.

Assim se fez. Em seguida o engenhoso cidadão, explicando que a extracção do ouro exigia o lançamento de semen-

E viva a pandega!

Um dia dois mancebos (ha que tempo isso vai!) muito engraçados, escreveram uma revista do ano para a qual o pobre «maestro» Ciriaco de Cardoso fez a musica, que tinha um côro assim:

*E viva a pandega
Olé! olé!
Como esta pandega
Não ha! não ha!*

Ora isto foi ha mais de 20 anos e já então a pandega era de estalo; de então para cá tem aumentado tanto de intensidade que bem se pode denominar, embora contra todas as regras de gramatica, «pandeguisseira». Se não, leiam esta noticia do papá «Seculo»:

«BRAGA, 25—T.—Terminaram hoje as festas de S. João. A concorrência



foi grande e os carros electricos renderam 8:000 escudos. Foram arrecadados na estação do caminho de ferro 60:000 bilhetes de passageiros, durante os festejos, não havendo memoria de facto semelhante».

Leram, seus pelintras? Quem não tem dinheiro são vocês e somos nós.

*E viva a pandega
Cada vez maior,
Se ela continúa
Vai tudo para o major.*

Nota da redacção: os versos d'esta quadra vão propositalmente errados, para fingir que foram escritos por um qualquer poeta moderno.

tes de trigo, aveia, etc., as regas competentes e outras operações agricolas, conseguiu que os campos, até ali inculcos, produzissem logo no primeiro ano enorme quantidade de cereaes e d'outros productos que deram não só para abastecer fartamente a aldeia mas ainda para fornecer os mercados proximos. D'aí a mezes ordenou aos camponezes que repetissem a faina, o que eles fizeram com ardor, sempre esperançados em encontrar o ouro prometido...

Até que um dia, anos depois, perguntado se ainda faltava muito para a mina ficar a descoberto, os homens obtiveram a seguinte resposta:

— Ide vêr as vossas arcas. Não as tendes cheias de ouro e de tudo o que vale ainda mais do que ouro?

O auditorio percebeu, calou-se e continuou a trabalhar, porque já estava habituado e o habito é uma segunda natureza.

Minas não nos faltam...

J. Neutral.

A batota

Graças á campanha do «Seculo» fecharam as casas de jogo em Lisboa — mas a verdade é que a batotinha amena, por mais que digam, continua a exercer-se ás escancaras.

— Isso é que não! dirá o leitor ingenuo; talvez se exerça, mas é clandestinamente, em «comboios», furtando-se aos olhos da policia.



Pois não é, não senhor. E' ás claras, á luz do dia, af entre as 13 e 16 horas — e, para cumulo, ao ar livre!

— Sim?

Sim, pacovio leitor. E' na rua dos Capelistas, onde se vêem precisamente as mesmas pessoas que frequentavam os clubs e n'elles jogavam, «banqueiros» e «pontos», com a diferença, agora, de que tal «industria» se exerce livremente sem que certas instituições officiais d'elles recebam um centavo, como se diz que d'antes recebiam.

Ali se joga, nos passeios da rua dos Capelistas, ali se trafica, se intriga, se ganha, se perde — e todos aqueles cavalheiros ficariam admiradissimos se um belo dia a autoridade lhes desse caça e os metesse na cadeia.

...Nanja que sejamos denunciante. Esta novidade não ha quem a não saiba.

Torre de chifre

Liberdade!

O' glorioso momento
Em que apparecemos á luz!
Desde então o pensamento
Na vida nos conduz!

Vamos crescendo na existencia
Passamos á puerberdade
Estamos na adolescencia
Gosando a liberdade!

Quem pode suportar
Os infamantes grilhões
Com que querem algemar
A alma das multidões?

O povo lá vai soffrendo
Anos e anos de horrores
N'um martirio tremendo
Repleto de dissabores.

Mas um dia, de repente,
As algemas despedaça
E é livre, finalmente,
Como a andorinha que passa!

Em vão tiranos imundos
Pretendeis fazer escravos:
O sol alumia os mundos!
O povo é composto de bravos!

Albano S. Tavares.

**Pensamentos**

O amor é uma doença que só tem uma vantagem: nunca é crónica.

* * *

A vida é uma viagem ora agradável, ora desagradável, mas são raras as pessoas que desejam chegar com brevidade ao «terminus».

* * *

Se não fôres tolo, finge que o és e se o fôres finge que o não és, se queres obter a consideração geral.

* * *

A mulher é como um quadro a óleo: não deve ser vista senão a distancia.

* * *

Quando alguém te elogia não te envaldeças senão depois de verificares que o lisonjeiro não queria pedir-te algum favor.

* * *

Nunca batas n'uma mulher... se não quando fôr preciso.

Socrates Junior.

Satisfação

Uma das doenças que ultimamente mais sustos tem causado entre nós, comquanto ainda não se encontre muito espalhada—em boa hora o digamos—é a encefalite letargica, que dá com um sono tão prolongado que d'ele só se acorda no outro mundo.

Os medicos conferenciaram, as revistas scientificas discutiram, apresentaram-se alvitres, fizeram-se experiencias e depois de todas estas manifestações da intelligencia humana chegou-se á conclusão de que a dita encefalite



já era conhecida por Hipocrates e que, afinal de contas, não passa de uma variante da gripe!

Foi um alivio geral, como se nos tirassem um grande peso da boca do estomago. Cessaram os sustos e não é raro ouvir este dialogo entre sorrisos:

—Então, a encefalite letargica...

—Não passa de ser uma modalidade da gripe.

Agora já uma pessoa pôde dormir socegada... até ao dia de Juizo.

EM FOCO**Armando de Basto**

*Ao ver d'este pintor formosa tela
O proprio original se me retrata
De tal maneira a côr se mostra exacta,
De tal sorte a verdade existe n'ela.*

*Seria bom que usassemos cautela
Quando a pintura assim nos arrebatá,
Por não tomar a serio uma batata
E metermos o quadro na panela...*

*N'esta data aconselho o amigo Armando
A que, quando expuzer, tenha o cuidado,
Para evitar o caso miserando,*

*De na parede, em cada quadro, ao lado
Colocar uns letreiros, avisando:
«Aquilo que aqui vêdes é pintado».*

BELMIRO.

Logares selectos

Sob este titulo mimosearemos o leitor, uma vez por outra, com alguns trechos escolhidos de boa literatura, para compararem...

Abre a secção o nome glorioso de Guilherme Braga, o illustre poeta portuense:

Ha dez anos

Do passado co'a lembrança
Inda est'alma se comove:
Tinhas seis anos; eu nove...
Eramos duas crianças.

Eramos duas crianças
Louras, risonhas, inquietas;
Tu atrás das borboletas,
Eu atrás das esperanças...

Nas velhas ruas da quinta
Que brincar! fazia assombro!
Eu co'a mão sobre o teu hombro,
Tu co'a mão na minha cinta.

Corriamos o arvoredó
D'onde as aves espantadas
Ao som das nossas risadas
Fugiam cheias de medo.

Um pintor faria um quadro
D'imensa melancolia,
Se nos visse, em fins do dia,
Sentados na cruz do adro.

Hoje essa historia define-a
Um cipreste... por memoria!
Nós tivemos uma historia
Como a de Paulo e Virginia...

Guityry

Os jornais londrinos fazem grandes elogios ao actor Luciano Guityry, no seu papel do drama *Pasteur*, chegando um notavel critico a considera-lo como o maior actor do teatro francês.

E' bom lembrar que em Lisboa nem por isso o Guityry fez grande «sucesso». Isto é, os inglezes são uns patetinhas...

Coisas dos electricos

Agora a ex.^{ma} Companhia dos carros electricos quer acabar com aqueles barattissimos passes que nos davam o gosto de aturar os maus modos e por vezes as injurias dos ex.^{mos} conductores, quando pediam bilhete e viam que já estavam servidos.

Depois de aumentar as passagens uns 200 por cento, de restringir as carreiras, de não nos dar trocos, etc., a

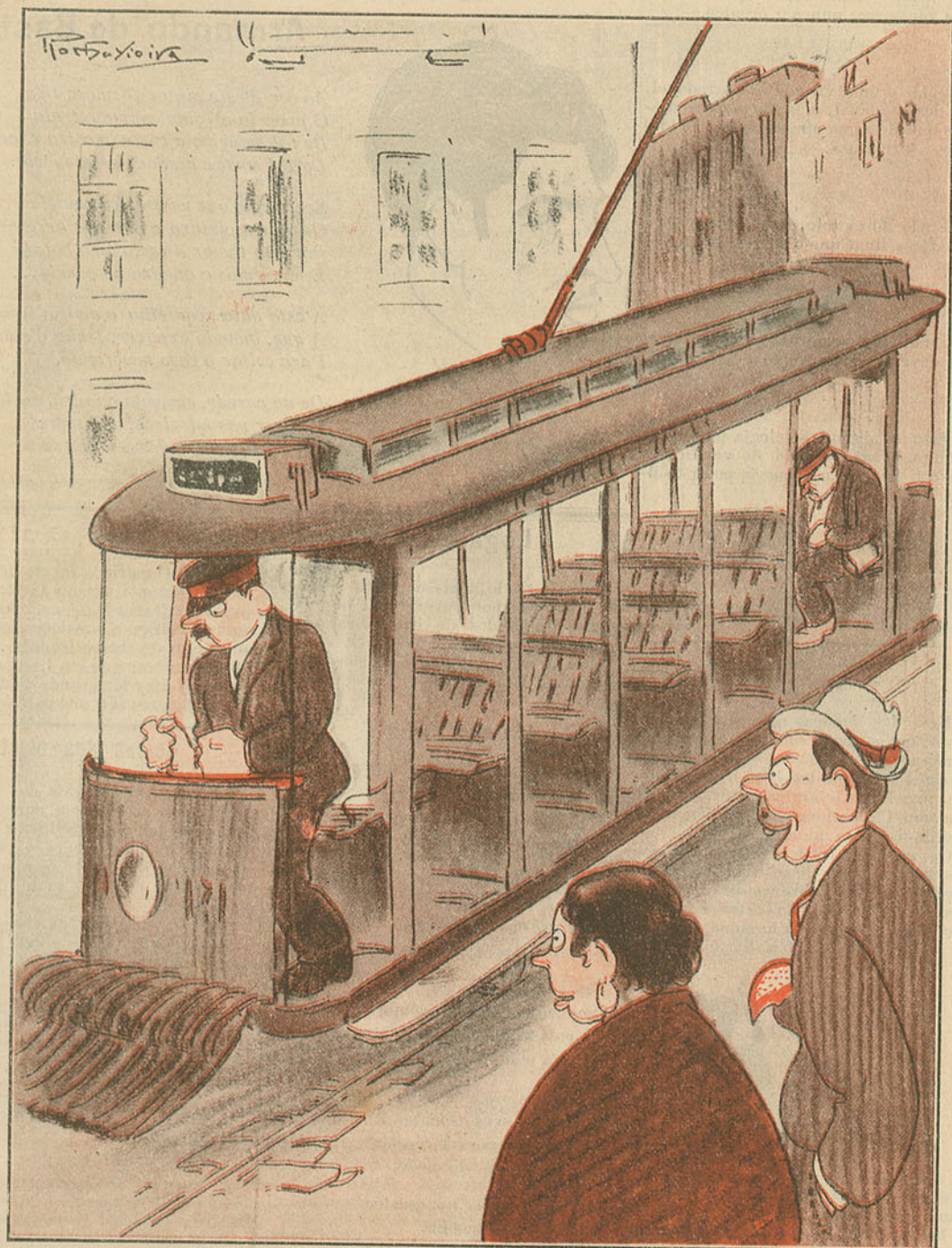


ex.^{ma} Companhia não quer mais nada senão suprimir os passes.

Mas, ó excellencias! As vossas exigencias são insignificantissimas, o que nos pedem é nada! Desejam tambem poupar a energia electrica, querem que os passageiros se deixem atrelar aos carros e puxem por essas ruas os ex.^{mos} directores da ex.^a Companhia?

Não façam cerimonia, que as bestas cá estão.

DESCONGESTIONAMENTO



O efeito do aumento dos preços nos electricos. O condutor, para o guarda-freio e vice-versa:

— Emfim, sós!